



**CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

RAYANE ESTEVÃO DA SILVA

**AQUISIÇÃO DA ESCRITA NO LETRAMENTO ESCOLAR: (RE) DISCUTINDO A
PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR ALFABETIZADOR**

Guarabira - PB
2011

RAYANE ESTEVÃO DA SILVA

**AQUISIÇÃO DA ESCRITA NO LETRAMENTO ESCOLAR: (RE) DISCUTINDO A
PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR ALFABETIZADOR**

Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof^o. Ms. Fábio Pessoa da Silva

Guarabira – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S587a

Silva, Rayane Estevão da

Aquisição da escrita no letramento escolar:
(re)discutindo a prática pedagógica do professor
alfabetizador / Rayane Estevão da Silva. – Guarabira:
UEPB, 2011.

24f.

Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) –
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Fábio Pessoa da Silva”.

1. Letramento 2. Escrita - Ensino 3. Professor
Alfabetizador I.Título.

22.ed. CDD 372.4

RAYANE ESTEVÃO DA SILVA

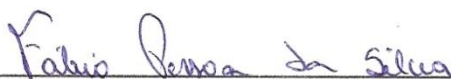
**AQUISIÇÃO DA ESCRITA NO LETRAMENTO ESCOLAR: (RE) DISCUTINDO A
PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR ALFABETIZADOR**

Artigo científico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Fábio Pessoa da Silva.

Aprovado em 09 de Junho de 2011.

COMISSÃO EXAMINADORA




Prof. Ms. Fábio Pessoa da Silva - UEPB

(Orientador – Presidente)



Prof^a. Dr^a Maria Neni de Freitas - UEPB

(Examinador 1)



Prof. Ms. Luana Francisleyde P. de Farias

(Examinador 2)

Guarabira – PB

2011

AQUISIÇÃO DA ESCRITA NO LETRAMENTO ESCOLAR: (RE) DISCUTINDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

Rayane Estevão da Silva
Graduanda do curso de Letras – UEPB

RESUMO

O presente trabalho tece reflexões acerca da Aquisição da Escrita nas séries iniciais do ensino fundamental através de uma perspectiva interacionista, enfatizando a alfabetização (1º ano) como ponto de referência para o processo de ensino-aprendizagem da escrita na escola. Neste trabalho, entendemos a aquisição da escrita como resultado de um processo interacional e de desenvolvimento de habilidades linguísticas. Tomamos como base os estudos de Vygotsky (2008), como suporte teórico, bem como, Soares (1998), Kleiman (1995), Freire (2001) entre outros. Serão discutidos os efeitos da interação no processo de ensino-aprendizagem, o papel da escrita enquanto prática social no letramento e na alfabetização, a função do professor alfabetizador e seus dizeres sobre a prática docente na alfabetização. Para tanto, aplicamos questionários a fim de relatar as experiências de professores, com relação à utilização da escrita na sala de aula, aliada ao interacionismo. Foram entrevistados dois professores da rede pública de ensino, onde ambos dissertaram sobre metodologias de ensino e interação com seus alunos. Obtendo como constatação que a escrita está presente em todas as situações do nosso cotidiano, desde pequenas, as crianças entram em contato com a escrita tornando-se um desafio descobrir seu real significado; sendo assim a escrita passa a ser entendida como elemento chave na construção do saber. Diante disso, abordaremos neste artigo aspectos relevantes não apenas da importância referida à escrita dentro da sala de aula, mas a relevância do papel docente dentro dessa aprendizagem que é bastante delicada, desafiadora e essencial aos alunos.

Palavras-chave: Aquisição da escrita. Interação social. Professor alfabetizador.

1 INTRODUÇÃO

A aquisição da escrita, numa perspectiva interacionista, vem sendo bastante estudada, tendo em vista o reconhecimento de que a aprendizagem não é algo isolado, mas sim processual e interativo. Essas pesquisas indicam que os trabalhos realizados pelos professores nas salas de alfabetização, em alguns casos, não estão sendo eficazes na formação de escritores proficientes. Ou seja, as crianças apenas codificam as letras e sons, sem descobrirem realmente o verdadeiro sentido

para aquele aprendizado. Isso se dá, muitas vezes, por que alguns alfabetizadores se utilizam de metodologias ultrapassadas e monótonas para o ensino das primeiras palavras. Kato (1985), por exemplo, destaca a grande preocupação que os educadores têm por “métodos” de alfabetização como um instrumento seguro para ensinar a ler e escrever. Isto é, a maioria dos professores só planeja suas aulas a fim de conseguir o simplório, o que é programado, sem fugir do que está no papel ou em alguns livros didáticos que em determinados momentos oferecem poucas atividades inovadoras.

É importante dizer que a criança, ao longo do seu dia a dia, vivencia usos de escrita, percebendo que se escreve para dizer alguma coisa, para auxiliar a memória, para registrar informações. Logo, a escola não pode fugir dessa função sociocomunicativa do texto escrito e abrir espaço para uma produção escrita dinâmica, explorando as ideias, as emoções, as inquietações, escrevendo e deixando escrever. (KRAMER, 1995).

Os pressupostos teóricos de Vygotsky (1998), cuja contribuição tem sido fundamental no campo educacional, abrangem a discussão sobre o aprendizado da escrita (considerada como um sistema de signos socialmente construídos), descrevendo o processo de apropriação da escrita como processo cultural, de caráter histórico, envolvendo práticas interativas, bem como, Soares (1998), Kleiman (1995), Freire (2001) mostram que a aprendizagem da escrita refere-se, à aquisição de um sistema de signos que, assim como os instrumentos, foram produzidos pelo homem em resposta às suas necessidades socioculturais concretas.

Com isso, escrita não deve ser vista como mero instrumento de aprendizagem escolar, mas como produto sociocultural. Assim entendida, possibilita a exploração, no contexto da sala de aula, de diferentes textos, destacando os vários usos e funções que lhes são impostos numa sociedade letrada.

Vale ressaltar que dentro do contexto social e do contexto familiar da criança ocorrem práticas e usos da escrita, de forma natural e espontânea, das quais ela participa direta ou indiretamente. O letramento origina-se dessa vivência de situações em que o ler e o escrever possuem uma significação. Os atos cotidianos, como ler um jornal, escrever um bilhete, ler um livro, fazer anotações, ou seja, usar textos escritos como entretenimento, favorece para que as crianças percebam as diferentes formas de apresentação do texto escrito, bem como para que identifiquem seus diferentes sentidos e funções.

Outra consideração a ser feita é que “há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo, do seu meio, e do contexto cultural” (Soares, 1998, p. 49). Portanto, o grau de letramento pode variar, pois cada ser possui seu ritmo de aprendizagem.

Na verdade, apesar das muitas dificuldades, as crianças que chegam às classes de alfabetização, na escola pública, são crianças reais, capazes de aprender a ler e a escrever. Resta que a escola identifique o seu percurso no processo de aquisição da língua escrita, preparando suas atividades de modo que a vivência do ler e do escrever, na sala de aula, seja útil, podendo transmitir conhecimentos, enfim, possua funções socioculturais que a caracterizam na sociedade.

Neste trabalho fazemos uma pesquisa com dois professores da rede municipal de ensino, abordando aspectos fundamentais para a inserção da escrita na sala de aula e principalmente o papel do professor nessa nova descoberta. Partimos do pressuposto da perspectiva interacionista baseada na importância da interação entre os indivíduos para a formação de seres pensantes e agentes no seu cotidiano. Diante disso, Villardi (2001, p. 458) ressalta que o conceito de interação com o qual trabalha o sócio - interacionismo não é um conceito amplo e apenas opinativo, mas significa, no âmbito do processo de aprendizagem, especificamente, afetação mútua. Mais adiante discutiremos alguns conceitos enfatizando a escrita enquanto prática social de letramento e alfabetização e a formação dos profissionais alfabetizadores, onde podemos fazer referência ao real sentido do que seria o letramento propriamente dito e a sua aplicabilidade dentro do contexto social em que o aluno está inserido, norteando nossos olhares para o pensar do professor, quais os métodos utilizados, quais os planejamentos realizados e qual é a sua verdadeira função nessa aprendizagem.

Baseando-se em todos esses conceitos aqui salientados e abordados, iniciamos nossa discussão sobre a aquisição da escrita fazendo uma reflexão do pensamento vygotskyano que concebe a linguagem como interação social, sendo um instrumento importante na formação de conceitos e no entendimento do real, que devem estar presentes nas salas de aulas, favorecendo no nosso alunado uma aquisição efetiva da escrita e tudo que dela provém.

2 AQUISIÇÃO DA ESCRITA NA PERSPECTIVA INTERACIONISTA

A linguagem escrita, assim como as outras formas de linguagem, é construída pelo meio de adequação do indivíduo à sociedade, através da interação entre as pessoas e com o mundo, formando assim um processo contínuo. Vygotsky (1984) afirma que a escrita é um sistema de representação simbólica da realidade, a qual medeia a relação dos homens com o mundo. Ou seja, para ele, a escrita vai além do domínio da maneira de se escrever as palavras, sendo uma consequência cultural, e que para possuí-la a criança percorre um processo confuso, no qual muitos estudiosos afirmam iniciar-se muito antes da criança entrar na escola.

Dessa forma, o conceito de linguagem na perspectiva interacionista torna-se fundamental para a melhor compreensão deste trabalho. Segundo Franchi (1992), a linguagem é um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõem, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias. Ou seja, a linguagem é um sistema construído mediante a realidade dos indivíduos, operando dessa forma no cotidiano dos mesmos. E continua dizendo: “é, pois, na atividade do sujeito com os outros e com o mundo, que a linguagem se constitui”, (FRANCHI, 1992, p. 32); compreende-se que não há condições para uma linguagem se constituir fora da interação.

Sendo a escrita uma modalidade de linguagem ou, como propõe Vygotsky (1984), uma forma específica de linguagem, o modo de concebê-la também se transforma. Tradicionalmente, em termos teóricos, a escrita é considerada um código gráfico, onde a base de transcrição é a língua oral e cujo aprendizado e ensino, com base nas teorias empiristas sobre elaboração de conhecimento, devem privilegiar a memorização, através do treino, mediante repetição dos elementos e regras por elas impostas. Nesses fundamentos, a aprendizagem e o ensino focam os procedimentos percepto-motores.

Já na perspectiva vygotskyana, a partir dos seus escritos no início do século passado, a escrita é vista como interação social, prática cultural de produção e compreensão de textos escritos com diversas finalidades de uso e funções sociais que são carregadas desde suas origens mais antigas.

Diante disso, a Linguagem escrita serve como instrumento de reprodução de ideias, bem como da ocultação das mesmas. Porém, a realidade vivenciada nas escolas nos mostra que muitos professores sentem dificuldades para orientar seus

alunos com relação a essa aprendizagem e que, acima de tudo, os alunos demonstram inseguranças na hora de se fazer essa escrita. As crianças não conseguem assimilar realmente o conteúdo, não dando, portanto, sentido às atividades desenvolvidas. Vygotsky (1998, p. 119) para reforçar essa questão, afirma que

Até agora, a escrita ocupou um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensinam-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatizando-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que se acaba obscurecendo-se a linguagem escrita como tal.

Dentro da perspectiva vygotskyana, pode-se dizer que aprender a escrever é formar uma nova inclusão cultural, é aprender uma forma de interagir com o meio em que se está inserido. Vygotsky toma como temas centrais o desenvolvimento humano e o aprendizado, assim como as relações entre esses dois processos. Em sua teoria, ao falar da aprendizagem, ele sempre ressalta o desenvolvimento, pois o mesmo considera que esses são dois processos que estão intimamente relacionados, sendo impossível separá-los.

A partir das concepções elaboradas por Vygotsky, no campo da linguística contemporânea, tem sido possível compreender a linguagem como interação verbal-social, ou seja, atividade realizada entre pessoas como objeto de criação e compreensão de sentidos que se concretizam em textos. Desse modo, como nos propõe Bakhtin (1990, p. 125) “aprender a linguagem, através da internalização - via utilização - das palavras/significados dos outros/da cultura, é internalizar modos de significar o mundo e a si mesmo, de constituir-se como pessoa”.

Sendo assim, percebe-se que a aprendizagem é um fenômeno complexo, o qual abrange aspectos cognitivos, emocionais, psicossociais e culturais, resultante do progresso de aquisições de conhecimentos, bem como da transmissão destes para uma nova situação.

3 A ESCRITA ENQUANTO PRÁTICA SOCIAL: LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

A escrita, como já foi dito, é uma das bases fundamentais para a inserção do ser humano na sociedade. Através dela, passamos a perceber o mundo de uma maneira diferente e única. Diante disso, é possível mostrar a sua importância a partir da alfabetização de crianças, embora alfabetizar-se não garante o usufruto pleno da linguagem escrita, conforme observa Soares (2000, p. 1): “Se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, uma revista, um jornal, se sabe escrever palavras e frases, mas não é capaz de escrever uma carta, é alfabetizada, mas não é letrada”. Portanto, nas sociedades letradas, ser alfabetizado é “pouco” para vivenciar completamente a cultura escrita e responder às exigências da sociedade atual.

Mas, diante disso, o que é letramento? Segundo Soares (2000, p. 15), a palavra “letramento” surge no discurso dos especialistas nas áreas de Educação e de Ciências da Linguagem na segunda metade dos anos 80. Uma das primeiras ocorrências está no livro de Mary Kato, de 1985, em que a autora afirma que “... a chamada norma-padrão, ou língua falada culta é consequência do letramento, motivo por que indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita”.

É importante dizer que, mesmo Mary Kato não tendo definido com clareza o que é letramento, é observável em todos os textos que ser letrado não é apenas saber ler e escrever. Sabe-se que a palavra “letramento” é uma versão para o português da palavra inglesa “literacy” que pode ser traduzida como a condição ou estado que assume aquele que aprende a ler e escrever. Segundo Soares (op., cit.), está implícita no conceito de “literacy” a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la.

Um indivíduo letrado é capaz de envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita. Podemos com isso definir que é alfabetizado aquele que sabe ler e escrever; já o letrado sabe ler, escrever, produzir textos variados e, acima de tudo, sabe interpretá-los de forma coerente. De acordo com Silva (2008, p. 44-45):

O letramento constitui um processo plural, amplo que engloba a alfabetização, mas não se deduz a ela; ou seja, comporta os eventos de participação dos indivíduos nos meios de interação social, mediada pela escrita. (...), entendemos que o aprendiz já traz consigo um leque de experiências advindas das relações como a família e comunidade, ou seja, temos um sujeito letrado que detém uma oralidade secundária e, por assim ser, encontra-se plenamente apto a desenvolver a escrita formal através da agência escolar do letramento.

O letramento inicia-se muito antes da alfabetização, ou seja, quando uma pessoa começa a interagir socialmente com as práticas de linguagem no seu mundo social, como afirma Freire (2001, p. 11-12):

(...) A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Não obstante, vale salientar que toda leitura pressupõe a escrita. Uma não pode sobreviver sem a outra. Na sala de aula, o docente pode enfatizar o uso da escrita presente no cotidiano dos alunos. O professor, ao oferecer atividades que abrangem o uso da escrita, pode abordar práticas de letramento de forma que seus alunos percebam a sua função e importância no contexto social e escolar. Assim, ler e escrever através de tais práticas favoreceriam o ingresso ao conhecimento, preparando o aluno para interpretar diferentes formas textuais que os rodeia e a escrever textos voltados a situações sociais em que está inserido.

Alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos, o exercício efetivo da tecnologia da escrita, denomina-se letramento, que implica habilidades várias, como a capacidade de ler e escrever, a fim de atingir diferentes objetivos, interagindo com outras pessoas. A Alfabetização é o processo de aquisição da escrita, isto é, o domínio do sistema de escrita, modos de escrever e de ler. Ou seja, alfabetização e letramento são, pois, processos diferenciados, entretanto interdependentes e inseparáveis.

O ato de escrever é formado a partir de habilidades e comportamentos que se prolongam desde escrever o próprio nome até escrever uma monografia. Um indivíduo pode ter a capacidade de escrever um bilhete, mas não ser capaz de

escrever um texto argumentativo, defendendo um ponto de vista sobre determinado assunto. Assim, escrever é também um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo caminho.

Não basta à escola ter como objetivo apenas alfabetizar os alunos. Ela tem o dever de desenvolver condições para que eles aprendam a escrever textos adequados às suas intenções sociocomunicativas e aos contextos em que serão lidos e utilizados.

As crianças, em geral, chegam à escola com ideias bastante claras a esse respeito, sabem que vão ler textos e não apenas desenhos. Que um livro tem um título, que lendo pode-se saber o que está dito em um texto.

Nos dias atuais, a alfabetização ganha um sentido próprio e passa a ser entendida como um processo de aquisição da língua escrita e não apenas como aquisição de um código. Não há como enfatizar um processo inicial de aprendizagem de uma língua desligando-se do processo de desenvolvimento da escrita.

É importante lembrar que nem sempre as crianças chegam à escola com o mesmo nível de compreensão e desenvolvimento, seja na leitura ou na escrita. Para ensinar a escrever, é necessário, dentre outras coisas, que o professor perceba o interesse do aluno em dizer sobre um determinado assunto, se possui algum conhecimento a respeito, verificando seus reais interesses em manifestar-se por meio da linguagem escrita.

Segundo Kleiman (1995, p. 271):

(...) a aprendizagem da língua escrita envolve um processo de aculturação – através, e na direção das práticas discursivas de grupos letrados -, não sendo, portanto, apenas um processo marcado pelo conflito, como todo processo de aprendizagem, mas também um processo de perda e de luta social. (...)

(...) há uma dimensão de poder envolvida no processo de aculturação efetivado na escola: aprender – ou não – a ler e escrever não equivale a aprender uma técnica ou um conjunto de conhecimentos. O que está envolvido para o aluno adulto é a aceitação ou o desafio e a rejeição dos pressupostos, concepções e práticas de um grupo dominante – a saber, as práticas de letramento desses grupos entre as quais se incluem a leitura e a produção de textos em diversas instituições, bem como as formas legitimadas de se falar desses textos -, e o conseqüente abandono (e rejeição) das práticas culturais primárias de seu grupo subalterno que, até esse momento, eram as que lhe permitiam compreender o mundo.

Ou seja, essa aprendizagem é democrática, amparada pela vivência de práticas de uso de leitura e escrita, ajudando o aluno a pensar enquanto aprende, e a descobrir prazeres que se podem experimentar quando o aprendizado é vivenciado de uma forma autônoma.

Portanto, o fato principal é que, se o docente estiver realmente preparado para propiciar a seus alunos a formação de conhecimentos a partir da aquisição da língua escrita, precisará analisar, pensar, planejar novas situações a fim de sempre aprimorar sua prática pedagógica. Muitos são os desafios, principalmente nas séries iniciais, na conciliação destes dois processos: Alfabetização e Letramento. Mas, nada é inatingível se o docente souber conduzir em sala de aula uma interação capaz de mediar as tensões, abranger significados e construir novos contextos de inserção social. Ou seja, “A escrita é importante na escola, porque é importante fora dela e não o contrário” (FREIRE, 2001, p.31).

4 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

Diante de todas as situações já mencionadas, é de fundamental importância mostrar o papel do professor alfabetizador, que por muitas vezes enfrenta grandes dificuldades para concretizar seu trabalho, tendo em vista o avanço das ações pedagógicas vivenciadas em seu dia a dia.

Durante a prática de ensino, nota-se que temos na escola muitos analfabetos funcionais, ou seja, alunos que só memorizam o código escrito sem fazer qualquer interpretação ou reflexão sobre o que acabou de ler. Diante disso, é possível perceber a necessidade de realizar algumas reflexões acerca da alfabetização, de modo a refletir sobre a atuação do educador alfabetizador na sala de aula.

A todo o instante estamos desempenhando diversos papéis; Apesar de sermos sempre a mesma pessoa. Em cada situação há uma característica, uma forma de ser que nos diferencia das demais. Diante disso, podemos compreender que o tipo de papel que uma pessoa pode desenvolver, frente a uma determinada situação, será definido pela combinação das suas características de personalidade e pelas expectativas do ambiente psicossocial que o cerca, os quais têm relação direta ao papel que a pessoa deve desempenhar. Alguns papéis têm uma determinação cultural mais ou menos rígida e clara, como, por exemplo, o do professor.

A imagem do professor foi mudando ao longo da história: daquele que adota uma crença, passou a ser o eterno aprendiz. A ação de ensinar e aprender é essencial para o desenvolvimento e perpetuação da natureza humana. Mas quais os fatores prioritários para o desenvolvimento dessas ações?

São três os fatores que influem nesse desenvolvimento: primeiro, a atitude de querer aprender. O segundo fator diz respeito às competências e habilidades, o que poderíamos chamar, simplesmente, de desenvolvimento de aptidões cognitivas e procedimentais. O terceiro fator refere-se à aprendizagem de conhecimentos ou conteúdos.

Em tempos modernos, quando o professor se percebe como um indivíduo em contínua aprendizagem, ele muda a relação que tem com o saber. Mas não é só isso: ele precisa voltar a ser aluno para aprender a ensinar por outra perspectiva. Saber ensinar é tão importante quanto saber aprender. Ensinar é desenvolver estratégias de aprendizagem. É vivenciar diferentes papéis.

É preciso compreender que o profissional que se predispõe a trabalhar com a alfabetização de crianças, precisa entender como se dá esse processo, para poder organizar situações significativas e desafiadoras, envolvendo todo o contexto social do seu alunado. A formação dos professores deve ser pensada como peça-chave para a melhoria da qualidade da educação, pois o que se observa é uma enorme distância entre o perfil de educador que os dias atuais exige e a realidade vivida nas instituições escolares. Para romper com essa discrepância, nós, enquanto educadores, precisamos enxergar o ensino além do que está a nossa frente, sendo essa uma tarefa muito complexa, que não pode ser pensada individualmente, pois muitos são os fatores que interferem para permanecermos assim, principalmente as políticas públicas que envolvem a educação.

A formação do professor desempenha papel fundamental na configuração de uma nova proposta de ensino. Para tanto, precisa ser entendida como um processo de construção individual e coletiva, no qual os professores não sejam apenas executores de sua ação pedagógica, mas profissionais criadores, críticos, reflexivos e capazes de pesquisar a partir do seu contexto, construindo e reconstruindo sua própria prática. Desse modo, romper com o que está exposto, implica, segundo Nóvoa (1991, p. 67), “que os professores assumam o papel de protagonistas do processo educativo na tripla dimensão pedagógica, científica e institucional”. É com esta visão que Sacristán (1995 apud NÓVOA, 1997, p. 55) aponta para necessidade

de um “modelo de desenvolvimento profissional e pessoal, evolutivo e continuado” para situar o aperfeiçoamento dos professores. Assim, a resolução dos problemas escolares dar-se-á a partir de uma ação reflexiva na qual professores em formação e em exercício tomam consciência das questões sobre o ensino que praticam. É, pois, através da ação reflexiva sobre os fazeres e saberes pedagógicos que as mudanças podem acontecer, havendo, assim, compromisso entre os envolvidos no processo professor, aluno, escola e sociedade.

O comprometimento dos professores com sua profissão exige a reflexão permanente sobre a sua prática pedagógica, buscando compreender os problemas de ensino, a organização dos currículos escolares, ao mesmo tempo em que aprendem como pessoas e como profissionais. Esse processo implica que sejam capazes de socializar suas construções através de troca de experiências com outros docentes. Nóvoa (1991, p. 67) confirma esta ideia ao mencionar que “os professores devem deter os meios de controle sobre o seu próprio trabalho, no quadro de uma maior responsabilização profissional e de uma intervenção autônoma na organização escolar”. Nesse sentido, é preciso repensar o processo de formação continuada que as instituições propõem; este precisa instigar o professor a desenvolver a autonomia profissional, a refletir sobre sua prática, a construir teorias sobre o seu próprio trabalho, pois a prática necessita da teoria e vice-versa.

Ainda tem sido muito comum as escolas pensarem na formação continuada a partir da promoção de cursos de capacitação, por meio de palestras nas quais os professores ouvem o que devem fazer. Essas dinâmicas se constituem em reflexões periféricas, mas que não se sustentam na hora do professor efetivar a sua prática, porque ele nem sempre tem oportunidade de re-elaborar seus conhecimentos, pois a busca por um ensino diferenciado deveria partir da construção, ação-reflexão do próprio educador. Nessa perspectiva, Schön (2000) afirma que o professor precisa atuar como um profissional que reflete sobre suas experiências e saberes, pois na medida em que coloca para si as questões do cotidiano como situações de desafio estará abrindo espaços para a consolidação desse processo de reflexão. Para o mesmo autor, isso implica um processo de pensar, ou seja, fazer uma reflexão na ação, permitindo a reorientação da ação no mesmo momento em que a está vivendo.

O que é alfabetização? Qual a sua principal função na sociedade contemporânea? Atualmente o que significa ser um professor alfabetizador? Vejamos o conceito abaixo:

Alfabetização é o processo pelo qual as pessoas aprendem a ler e a escrever. Entretanto, esse aprendizado vai muito além de transcrever a linguagem oral para a linguagem escrita. Alfabetizar-se é muito mais do que reconhecer as letras e saber decifrar palavras. Aprender a ler e a escrever é apropriar-se do código lingüístico-gráfico e tornar-se, de fato, um usuário da leitura e da escrita. (CAGLIARI, 1989, p. 85).

Por linguagem, compreende-se o procedimento de interlocução que se exerce nas práticas sociais existentes nos diversos grupos de uma sociedade. Interagir pela linguagem constitui falar alguma coisa a alguém, de certa forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias. Pela linguagem é possível promulgar ideias, pensamentos, estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes e influenciar os outros, modificando as representações que fazem da realidade. É na interação social, condição de desenvolvimento da linguagem, que o indivíduo se apropria do sistema lingüístico.

Baseando-se nisso, o professor alfabetizador passou a ter como objetivo primordial garantir a aprendizagem da leitura e da escrita em um universo mais amplo. Esse é o atual papel do professor alfabetizador.

Ensinar é mais do que repassar informações, é compartilhar objetivos, tarefas, significados e conhecimentos.

Com relação ao ensino-aprendizagem da língua escrita, é importante que o professor tenha em mente que se aprende a ler e a escrever, lendo e escrevendo, observando outras pessoas fazendo o mesmo, tentando e errando, sempre orientados pela busca do significado ou pela necessidade de produzir algo que tenha sentido. Muitos são os caminhos para se construir noções adequadas sobre o código escrito e para se tornar um leitor eficaz. Devemos considerar e aproveitar os conhecimentos que a criança já possui a respeito desse sistema de escrita. O ensino da leitura deve garantir a interação do significado e da função da escrita para a criança, como meio de construir conhecimentos necessários.

Outro fato importante é que o professor reconheça a função social da escrita e que consiga passar isso para o seu aluno. A língua escrita tem funções variadas e

dominá-las proporciona ao usuário condições de exercer efetivamente sua cidadania.

A atuação do professor alfabetizador deixa de ser meramente de reprodução de métodos e ganha uma dimensão político-pedagógica mais crítica e consciente. É um agente de transformação que busca a partir de seus conhecimentos modificar por vezes, uma realidade que não condiz com ideal de sociedade predominante nos dias atuais. Por isso, cada atitude, cada escolha tem que ser consciente e segura. O professor precisa acreditar que seu papel é propor atividades onde a escrita apareça como instrumento de interação, pois a aquisição da leitura e escrita ocorre quando é usada de forma real, concreta, não de forma artificial e simulada. Nesta concepção, alfabetizando e alfabetizador compartilham “saberes” e experiências, numa forma conjunta de ensinar e aprender coletivamente.

O professor tem a função de levar a informação necessária para que os alunos avancem na construção do conhecimento. Pode fazer isto de maneira direta quando dá uma explicação, faz uma exposição de conteúdo, ou indireta, quando lê texto em classe sobre o tema que está sendo estudado, fazendo perguntas, apresentando exemplos que os façam pensar.

Sendo assim, a escola necessita organizar espaços e tempos para que a formação continuada de professores seja desenvolvida a partir das necessidades do grupo, sendo a voz dos professores o elemento de reflexão, trazendo a teoria a partir da prática, para que possam interpretá-la. Portanto, é fundamental que os sujeitos envolvidos no processo de ensino entendam a escola como uma organização dinâmica, permitindo que se construam novas aprendizagens e, a partir delas, encontrem respostas capazes de colaborar para a compreensão da complexidade que envolve o sistema escolar e o fazer pedagógico na alfabetização.

5 AQUISIÇÃO DA ESCRITA POR CRIANÇAS NO ENSINO FUNDAMENTAL – 1º ANO: DIZER DE PROFESSORES

Em vista dos argumentos observados a cerca da aquisição da escrita, partimos então para uma ação mais efetiva, que é o olhar do professor sobre esses questionamentos que fazem parte da sua rotina diária.

Consultamos dois professores alfabetizadores (1º ano), a fim de relatarmos sobre a prática da aquisição da escrita pelos seus alunos. Esses professores são da rede municipal de ensino da cidade de Lagoa de Dentro. O professor denominado como P1 leciona na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Antônia Coelho, no turno da manhã e tem 16 alunos em suas aulas. O segundo professor, aqui chamado de P2, leciona na Escola Municipal de Ensino Fundamental João de Freitas, também no turno da manhã, com aproximadamente 20 alunos. Os referidos professores são formados na área de Letras com habilitação em Língua Portuguesa. O P1 é recém-formado no curso de Letras e atua há 2 anos na área da educação. Já P2 formou-se no ano de 2006, possui especialização na área de psicopedagogia e está atuando desde 2007 na área da educação.

Primeiro, visitamos a sala de aula dos professores, durante uma manhã, para observarmos um pouco sua turma, os comportamentos e atitudes dos alunos diante dos professores; em seguida, explicamos qual seria o objetivo do trabalho aos mesmos e entregamos os questionários para serem posteriormente respondidos. O questionário estava voltado para a prática da escrita na sala de aula, e continha três questões, que deveriam ser respondidas de acordo com a experiência de cada um em sua sala de aula.

Passemos, portanto, às respostas dos questionários, mas antes, vale ressaltar que, as nossas análises serão feitas a partir da transcrição das respostas dos professores participantes. Os questionários completos estarão disponíveis em anexo ao trabalho.

A primeira questão apresentada aos professores indagava se existiriam métodos específicos para o ensino da língua escrita nas séries iniciais. Os docentes afirmaram que não existem métodos específicos ou prontos. O P1 afirmou que, “depende da dinâmica do professor e de cada aluno”, e que, nesse caso, não poderíamos separar a língua escrita da falada, tendo em vista, que elas são interligadas e de fundamental importância na formação dos alunos. O P2 respondeu que cada professor tem seu próprio método de ensino e que, portanto, vai modificando de acordo com a necessidade da turma.

Diante do que foi relatado nessa primeira questão, é observado que ambos acreditam que não existem métodos definidos para o ensino da língua escrita, mas que cada um pode adaptar sua maneira de trabalhar a necessidade de seu alunado, partindo do pressuposto de que, se existissem métodos inalteráveis, não se

alcançariam os objetivos eficazes na prática da escrita com todos os alunos, uma vez que a aprendizagem se dar em diferentes níveis, dada as características individuais de cada aluno.

O segundo questionamento voltava-se para a importância da interação dos alunos com outras crianças, se influenciava ou não no processo de aprendizagem do alunado. O P1 diz que “O ser humano por natureza é interativo”, e que, portanto, necessita estar em contato com outras pessoas para que seu desenvolvimento ocorra de forma eficaz. Do mesmo modo, P2 afirmou que sim, tendo em vista que as crianças possuem conhecimento prévio do assunto e que quando entram em contato com outras crianças esse desenvolvimento se torna mais fácil.

Neste segundo questionamento, é notório que os professores acreditam na interação como instrumento de ampliação do saber, sendo de fundamental importância para os alunos o contato com os demais indivíduos para que essa aprendizagem ocorra de forma construtiva e adaptativa a situações espontâneas de aprendizagem.

Por fim, foi perguntada qual a evolução das turmas com relação à aprendizagem da escrita. O P1 relatou que já observa um bom desempenho de sua turma, mostrando-se preocupado em não permanecer na mesmice das atividades de “coordene e copie”, o mesmo acredita que são os métodos inovadores que fazem a diferença no ensino. Já o P2 mostrou-se preocupado por sentir que a sua turma tem muitas dificuldades na aprendizagem da escrita.

É possível notar que o P1, apesar de salientar o bom aprendizado de sua turma, preocupa-se efetivamente inovar em suas aulas, buscando adaptá-las ao favorecimento de sua turma, tendo em vista que são muitas as dificuldades, principalmente no ensino público, para a efetivação desse trabalho. P2 demonstrou um pouco mais de preocupação com relação à escrita propriamente de seus alunos, pois o mesmo enfatizou no questionário que muitos deles possuem dificuldades no ato de escrever sílabas simples, além disso, como pudemos observar na visita a sua sala de aula, muitos já estão fora da faixa etária para o 1º ano, que normalmente é 5 anos de idade. Esse fato ocorre, quase sempre, na maioria das escolas, dificultando ainda mais o trabalho do alfabetizador, tendo em vista que, não havendo uma equiparidade etária, os interesses tendem a se distanciar, promovendo uma dificuldade a mais para o professor que alfabetiza turmas muito heterogêneas.

Dado o exposto, é possível observar que nas duas primeiras questões os professores comungam da mesma opinião, no caso do terceiro questionamento que fizemos, percebemos que o P1 sente-se mais seguro com sua turma, já o P2, devido até a fatores como deficiências prévias de seus alunos com relação ao uso da escrita, sente um pouco mais de dificuldade ao trabalhar com seu alunado. É preciso defender assim como Palácios (2007), a importância da linguagem relacionada também as bases maturativas da criança e a estimulação da aquisição desta linguagem levando-se em consideração processos básicos essenciais para o seu desenvolvimento. É indispensável perceber que todas estas preocupações, não são recentes, vários teóricos discutiram e vem discutindo a importância de ver a criança não como uma tabula rasa, ou como um adulto em miniatura, mas como um ser em construção, sendo importante o entendimento da sua maturação emocional, intelectual. também defendida pelo filósofo norte-americano John Dewey (2007) que em publicação na revista Nova Escola, busca refletir seus métodos na constante reconstrução da experiência. Observando também o importante papel da escola no desenvolvimento contínuo do sujeito para a transformação, a formação de um sujeito crítico e reflexivo da sua realidade. Todo este contexto deve estimular o conhecimento, onde a criança deve buscar constantemente o seu aprendizado orientado pelos estágios de desenvolvimento em que as crianças estão inseridas. Enfatizando mais uma vez que a aquisição da escrita é um processo delicado e que deve partir inicialmente de um bom planejamento por parte dos professores. No caso dos participantes desta pesquisa, ambos mostraram-se felizes e capazes de contribuir para uma geração de alunos um pouco mais pensantes e sabedores de seu mundo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões observadas e relatadas, neste artigo, constata a necessidade de romper as barreiras que infelizmente ainda estão impostas na escola para o estudo da aquisição da escrita, enfatizando não apenas o “como ensinar”, mas como essa aprendizagem está sendo feita e se os resultados estão sendo positivos e progressivos na vida dos alunos. Como foram ressaltados por alguns autores mencionados neste trabalho, os avanços conceituais buscam uma reflexão de como

está sendo redimensionado a prática do ensino-aprendizagem da escrita na escola, procurando entender como o professor alfabetizador influencia nessa aquisição.

Podemos observar através dos questionários respondidos pelos professores que a criança estimulada a escrever regularmente tem mais chance de adquirir este hábito e escrever melhor, além disso, o ato de escrever resulta de uma motivação natural de fazer com que a experiência individual de cada um se torne um meio de comunicação com o mundo. Só é preciso um incentivo, que precisa vir, sobretudo, de pais e educadores.

Neste sentido, baseando-se nas pesquisas realizadas sobre a importância da aquisição da escrita numa perspectiva interacionista, da formação do professor alfabetizador bem como seu papel enquanto agente dessa aprendizagem, é possível afirmar que é preciso orientar o docente que apesar de todas as dificuldades observadas e discutidas, o mesmo deve compreender que ensinar vai além do repasse do conteúdo e do conhecimento, mas que ensinar, é repassar ensinamentos que serão levados por toda uma vida e se esse conhecimento não for feito de maneira eficaz muitos serão os prejuízos. Todos sabem que a tarefa é muito difícil, pois nem sempre se encontra apoio; mas, se descobirmos o verdadeiro sentido dessa prática docente na condução do processo de desenvolvimento das crianças, notaremos que é possível inserir no exercício da alfabetização uma aprendizagem aliada às práticas interativas que auxiliem no desenvolvimento intelectual do aluno, obtendo um ensino de qualidade nas nossas escolas.

7 ABSTRACT

This work makes reflections on the acquisition of literacy in the early grades of elementary school through an interactionist perspective, emphasizing literacy (1st year) as a reference point for the process of teaching and learning of writing in school. In this work, we take the acquisition of writing as a result of the interaction and development of language skills. We have based the study on Vygotsky (2008), as theoretical support as well, Smith (1998), Kleiman (1995), Freire (2001) among others. We will also discuss the effects of the interaction in the teaching-learning, the role of writing as social practice in literacy and literacy, the role of literacy teacher and his words about the teaching practice in literacy. To this end, we applied questionnaires to report the experiences of teachers, regarding the use of writing in the classroom, coupled with interactionism. We interviewed two teachers from public schools, and they both spoke about teaching methodologies and interaction with their

students. Getting as finding that the writing is present in all situations of everyday life, from small children come into contact with the writing became a challenge to figure out its real meaning, that's why writing is understood as a key element in building knowledge. Therefore, this article will discuss relevant aspects referred to the importance not only to writing in the classroom, but the relevance of the teaching role within this learning is very delicate, challenging and essential to the students.

Keywords: Acquisition of writing. Social interaction. Literacy teachers.

8 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1990.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Scipione, 1989.

DEWEY, J. *Democracia e educação: capítulos essenciais*. Tradução Roberto Cavallari Filho. São Paulo: Ática, 2007.

FRANCHI, C. *Linguagem: atividade constitutiva*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n.22, 1992.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KATO, M. A. *O Aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1985

KLEIMAN, A. B. (org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, Mercado das Letras, 1995.

KRAMER, Sonia. *Alfabetização, Leitura e Escrita: formação de professores em curso*. Rio de Janeiro: Papéis e Cópias de Botafogo e Escola de Professores, 1995.

PALACIOS, Jesus. *Educação Infantil – Resposta educativa à diversidade*. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PÉREZ GOMES, A. O pensamento do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (Org.) *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

SACRISTÁN, J. G. *Consciência e Acção sobre a prática como libertação profissional dos professores*. In NÓVOA, A. *Profissão Professor*. Portugal: Porto Editora, 1995.

SCHÖN, D.A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Fábio P. da. *Letramento escolar: atividades de escrita na aula de língua materna e suas relações com a formação docente*. Dissertação de mestrado, UFPB/PROLING, 2008.

SOARES, Magda B. *Alfabetização*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000.

_____. B. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

VILLARDI, R. *Desarrollo de habilidades de lectura: los beneficios de la tecnología*. In: *Anais da III Jornadas Multimedia educativa: Nuevas aprendizages virtuales*. V. único, p. 458 – 476. Barcelona:Res Telemática Multimedia, 2001.

VYGOTSKI, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXOS



Universidade Estadual da Paraíba
Departamento de Letras e Educação
Campus III – Guarabira

Docente: Orientador: Prof^o. Ms. Fábio Pessoa da Silva
Aluna: Rayane Estevão da Silva
Disciplina: TCC

AQUISIÇÃO DA ESCRITA POR CRIANÇAS NO ENSINO FUNDAMENTAL –
1º ANO: DIZER DE PROFESSORES

Questionário destinado aos professores – P1

1) Na sua opinião, existem métodos específicos para o ensino da língua escrita nas séries iniciais? Na verdade não existem métodos prontos ou o melhor método, depende da dinâmica do professor e de cada aluno.

Para mim precisa haver um conjunto. Não se pode separar a língua falada da escrita, visto que são duas atividades primordiais no ensino fundamental.

2) Você acredita que a interação dos alunos com outras crianças, influencia seu processo de aprendizagem? Sim. O ser humano por natureza é interativo, ele precisa estar com outros para o seu melhor desenvolvimento e crescimento, tanto para aprendizagem como para a vida.

3) Na sua opinião, em geral qual a evolução da sua turma com relação a aprendizagem da escrita? No decorrer desses meses já percebo um bom desenvolvimento da turma, todavia algo que muito me preocupa é permanecer naquelas mesmas atividades, "coordene e copie", penso que no tempo em que vivemos é preciso inovar e tenho estudado sobre isto, por isso, não procuro métodos prontos mas, métodos inovadores que façam a diferença.



**Universidade Estadual da Paraíba
Departamento de Letras e Educação
Campus III – Guarabira**

Docente: Orientador: Prof^o. Ms. Fábio Pessoa da Silva
Aluna: Rayane Estevão da Silva
Disciplina: TCC

**AQUISIÇÃO DA ESCRITA POR CRIANÇAS NO ENSINO FUNDAMENTAL –
1º ANO: DIZER DE PROFESSORES**

Questionário destinado aos professores – P2

1) Na sua opinião, existem métodos específicos para o ensino da língua escrita nas séries iniciais?

Acho que não, cada professor tem o seu próprio método de ensino.

2) Você acredita que a interação dos alunos com outras crianças, influencia seu processo de aprendizagem?

Sim, porque cada criança tem o seu próprio conhecimento e através do mesmo desenvolve a sua aprendizagem na interação mútua, tornando esse processo mais fácil.

3) Na sua opinião, em geral qual a evolução da sua turma com relação a aprendizagem da escrita?

Acredito que está sendo muito lenta, pois na faixa etária que eles estão não era para sentirem dificuldades em escrever.